ÍNDICE

Prefácio 7
por **Fernando Gomes**

Nota dos coordenadores 9
por **Manuel Mendes Nunes** e **Rui Manuel Neto e Matos**

Dropout no futebol: as evidências — compreender para gerir 15
por **Alfredo Silva** e **Pedro Sobreiro**

Especialização precoce: uma necessidade ou um obstáculo
para a realização do potencial desportivo do jovem? 39
por **Anna Volossovitch**

Todas as crianças, jovens, adolescentes e adultos jovens são talentos 47
por **Fernando Tenreiro**

Talentos desportivos: da identificação ao seu pleno desenvolvimento 67
por **José Peyroteo Couceiro**

A ética como talento 93
por **José Lima**

Talentos desportivos: o que se sabe e o que ainda falta saber 103
por **José Manuel Constantino**

Movimento paralímpico: da identificação ao alto rendimento 109
por **José Manuel Lourenço**

Um treinador competente para a seleção de talentos 114
por **José Rodrigues**

O talento desportivo é um fenómeno completo: simples reflexão..... 124
por **Luís Sénica**

Crescimento, maturação e talento desportivo 128
por **Manuel J. Coelho e Silva**, **Diogo V. Martinho** e **João P. Duarte**

A deteção e seleção de talentos desportivos: uma reflexão antiga 132
por **Manuel Mendes Nunes**

Desporto de formação e deteção de talentos: reflexões..... 152
por **Pedro Sequeira**

Deteção de talentos desportivos: realidade ou quimera? 158
por **Rui Matos** e **Nuno Amaro**

A procura do talento: uma busca complexa 165
por **Félix Romero**, **Jorge Moreira** e **Rui Carvalho**

Deteção, seleção e desenvolvimento de talentos no futebol 174
por **Rui Manuel Pacheco** e **Rui Pedro Pacheco**

A conciliação da carreira dupla de alunos-atletas no ensino básico
e secundário no distrito de Leiria: a perspetiva do programa UAARE..... 188
por **Victor Pardal**, **João Fernandes** e **Filipe Castro**

Referências bibliográficas 215

PREFÁCIO

O tema a que se dedica o livro que agora lhe chega às mãos, fruto de uma iniciativa louvável da Associação de Futebol de Leiria, tem constituído ao longo dos anos uma das maiores preocupações do futebol português e, por inerência, da Federação Portuguesa de Futebol (FPF).

Num país de pequenas dimensões, como é o caso de Portugal, os recursos são mais limitados comparativamente com outros territórios que contam com uma maior base de recrutamento. Por isso, mais importante se torna o processo de deteção e aproveitamento do talento.

Perante estas inultrapassáveis limitações físicas e geográficas, temos sido extraordinariamente competentes na descoberta e na afirmação de valores. A capacitação — cada vez mais apurada — de quem trabalha na formação tem permitido a Portugal cuidar dos seus recursos, fazê-los crescer, e afirmar-se no futebol internacional como uma das maiores potências mundiais.

Há muita gente que desempenha um papel crucial no desenvolvimento do talento. Nos dias que correm, o conhecimento é cada vez mais científico e menos empírico. E, de facto, é bom que assim seja, porque é importante definir estratégias e métodos rigorosos, desde a observação à análise, através de equipas especializadas e multidisciplinares. O «olho» de quem anda no terreno, nos campos e recintos mais «escondidos» deste país, nunca deverá ser desprezado e assume também um papel fundamental e insubstituível neste ciclo de vida do atleta.

Haverá um momento em que se determina e define o percurso da jogadora ou do jogador com mais rigor — que patamares poderá atingir? Quais as opções mais indicadas para o seu crescimento? Até onde poderá expressar o seu talento? Neste livro, são apresentadas muitas reflexões e caminhos, mas em todos se expressam princípios essenciais que têm base comum nas capacidades inatas, no compromisso, no trabalho e no treino.

O aproveitamento do talento que existe em Portugal conduz inexoravelmente ao maior ou menor sucesso do trajeto desportivo, não apenas individual, mas,

sobretudo, coletivo. Nesse particular, desenhar modelos competitivos adequados ao crescimento e à afirmação das jogadoras e dos jogadores constitui outro pilar fundamental. Assim, a FPF tem procurado criar espaços que viabilizem esse trajeto e onde, definitivamente, se projete o atleta de alto rendimento.

Nas páginas que se seguem, terá a oportunidade de encontrar fundamentos e ideias numa panóplia de contributos que, além de enriquecerem o nosso conhecimento, nos ajudam a construir o futuro.

Boa leitura!

Fernando Gomes,
presidente da Federação Portuguesa de Futebol

NOTA DOS COORDENADORES

Por Manuel Mendes Nunes*
e Rui Manuel Neto e Matos**

* Pela Associação de Futebol de Leiria.

** Pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria
e pelo Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV).

A temática do livro que ora se apresenta tem merecido uma discussão permanente à medida que as exigências dos resultados aumentam, ficando quase sempre a dúvida acerca do que é mais importante, se a capacidade inata do talento ou o seu desenvolvimento como resultado da aplicação de meios externos. Apesar de muitas pessoas poderem ter o potencial para desenvolver em bom nível uma atividade, muitas vezes pode acontecer faltar a capacidade para esta ser descoberta, aproveitada, enquadrada, promovida e potenciada da melhor forma.

Pensamos poder, hoje, afirmar que os fatores determinantes de todo o processo de alcance do sucesso desportivo não estarão apenas alocados ao potencial do praticante, mas também relacionados com a existência de uma estrutura que o detete, selecione e promova corretamente no momento certo e onde a paixão e a dedicação sejam fundamentais.

Em Portugal, este decisivo tema do treino desportivo está bem estudado e tem, globalmente, permitido de forma estruturada que, em várias modalidades desportivas, os jovens com «talento» consigam ter uma carreira desportiva nacional e internacional consistente.

O caso do futebol/futsal/futebol de praia, em constante evolução, é cada vez mais complexo e exige, por isso, mais reflexão e estudo. Constata-se que o nível dos futebolistas portugueses tem melhorado significativamente, constituindo seleções nacionais que disputam frequentemente os primeiros lugares das competições em que participam e que se encontram, no âmbito do escalão sénior, entre as dez melhores no plano europeu e mundial.

Recentemente, foi publicada a edição de 2022 do *World Talent Ranking* e, no que diz respeito à capacidade para atrair talento, Portugal surge na 26.ª posição. No caso do futebol, o nosso país tornou-se uma indústria bem-sucedida, que tem permitido todos os anos formar jogadores que muito rapidamente chegam às melhores equipas das principais ligas.

As causas desta evolução são múltiplas, mas não podemos deixar de destacar o trabalho conjugado dos investigadores, dirigentes e técnicos dos clubes, das associações distritais e regionais, da Liga e da Federação, na sequência de uma política desportiva bem definida e de uma boa liderança, passando, entre outros, por um modelo de deteção de talentos eficaz e eficiente entre a realização inicial dos torneios interassociações e a constituição das seleções nacionais jovens. Deve-se ter em conta também a responsável formação de treinadores, a preocupação com o aumento do número de praticantes, a construção da Cidade do Futebol, o cuidado na organização dos quadros competitivos e o funcionamento em pleno da Portugal Football Schooll.

Porém, o desporto português não é só futebol, e aqui importa saber se nas outras modalidades o processo tem sido bem desenvolvido e em que medida é que a existência dos centros de alto rendimento foi determinante para se melhorar a organização de todo o processo e obter bons resultados a nível internacional.

Também é decisivo para esta reflexão perceber o impacto que a participação no desporto escolar tem junto da população jovem em termos da obtenção de resultados, tanto ao nível do aumento do número de praticantes desportivos, como da deteção e promoção de talentos. Destaque para o programa UAARE, que tem permitido conjugar a formação desportiva com a escolar.

Neste sentido, a elaboração deste livro pretende ser uma reflexão sobre o tema «Talentos Desportivos — Da Identificação ao Seu Pleno Desenvolvimento», contando com a participação de vários autores de renome nacional relacionados com diversas entidades do meio desportivo, que oferecem valiosos contributos para a melhoria de todo o processo e proporcionam aos *talentos* portugueses o conhecimento das condições mais favoráveis para a sua evolução plena.

Este documento foi realizado no âmbito do evento «Leiria, Cidade Europeia do Desporto, 2022» e resultou da boa articulação entre a Associação de Futebol de Leiria e a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, com a colaboração da Escola Superior de Desporto de Rio Maior e da Câmara Municipal de Leiria, assessorados pelo Centro de Investigação em Qualidade de Vida. Agradecemos penhoradamente todo o apoio prestado.

Por Pedro Morouço
Diretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais,
do Politécnico de Leiria

É com enorme satisfação que vejo nascer esta obra. Uma coletânea de contributos, redigidos por figuras ímpares do desporto nacional, que se debruçam sobre um tema que continua a ser, demasiadamente, atual. Afinal, como podemos nós potenciar uma prática desportiva nacional se não conseguirmos aceitar uma preparação a longo prazo? Se não compreendermos que não se devem queimar etapas? Se não entendermos que a medalha ao peito, na infância e na adolescência, não é tudo? Que esta obra seja, por isso, motivadora de mais e mais inquietações e que nos permita ter mais e mais gente capaz de preparar o futuro do desporto nacional.

Na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Politécnico de Leiria, não descuramos estas questões. Antes pelo contrário. Tanto nas formações livres como na licenciatura ou no mestrado, procuramos que se compreendam as vantagens e desvantagens associadas a cada metodologia aplicada, sabendo de antemão a não linearidade do que acabo de referir. É necessário desenvolver a capacidade de crítica, a capacidade de autoanálise, mas, acima de tudo, a capacidade para ver além do curto prazo. E precisamos tanto disso... de planos e de estratégias capazes de ver ao longe.

Não poderia terminar esta mensagem sem agradecer à Associação de Futebol de Leiria a resiliência neste domínio. A aproximação que temos estabelecido entre o ensino superior e a vossa atuação tem sido, para nós, de louvar e agradecer. Juntos, seremos sempre mais fortes. Bem hajam e boas leituras!

Por Luís Cid
Diretor da Escola Superior de Desporto de Rio Maior, do Instituto Politécnico de Santarém

A Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ESDRM), com 25 anos de existência, foi criada em 5 de dezembro de 1997, pelo Decreto-Lei n.º 352/97, como unidade orgânica do Instituto Politécnico de Santarém (IPSantarém), tendo surgido como eixo estratégico de desenvolvimento do projeto de afirmação de Rio Maior enquanto Cidade do Desporto.

Esta aposta inovadora marcou a natureza do projeto educativo da instituição, rompendo com o paradigma de formação generalista na área da Educação Física e Desporto. Optou-se, desde o início, por uma oferta formativa especializada e orientada para as profissões relacionadas com o desporto, privilegiando-se uma forte ligação ao mercado de trabalho e uma sólida base científica, técnica e pedagógica, o que tornou a área de formação em treino desportivo uma das pioneiras (particularmente na modalidade de futebol).

Grande parte do sucesso da ESDRM-IPSantarém deve-se ao contexto onde ela está inserida, no qual reside um dos maiores *clusters* de desporto a nível nacional, e também internacional, com enorme potencial estratégico, não só pelas características de Rio Maior e da sua localização geográfica central (perto de Lisboa) e privilegiada (junto ao mar de Peniche e à serra do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros), mas sobretudo por concentrar premiadas infraestruturas desportivas municipais, que fazem desta uma Cidade do Desporto e da Atividade Física.

Ao longo dos anos, foi sendo desenvolvida e consolidada uma vasta rede de parceiros estratégicos, que muito têm contribuído para o desenvolvimento e a afirmação do nosso projeto educativo, entre os quais a Associação de Futebol de Leira. Este livro é mais uma expressão clara da proximidade institucional existente e do trabalho desenvolvido em conjunto, em prol do desporto em Portugal, particularmente da modalidade de futebol, quer ao nível da formação, quer no âmbito da investigação.

Esta obra descreve os aspetos fundamentais desta área do conhecimento, aqui apresentados com uma visão crítica e atualizada, procurando servir de ponte entre o conhecimento técnico e científico e o âmbito aplicado. Ao longo destes capítulos, podemos encontrar conteúdos que permitirão aos profissionais do desporto (e a outros) não só disporem de uma base de reflexão, como também de respostas para as exigências colocadas, particularmente no futebol, no futsal e no futebol de praia.

Este é um livro que consegue fazer muito bem a ligação entre o mundo académico e o profissional. Por essa razão, felicito a Associação de Futebol de Leiria pelo dinamismo assumido com esta iniciativa, bem como todos os parceiros associados pelo trabalho colaborativo desenvolvido, em rede, em torno da temática; e, principalmente, congratulo os editores e autores pela coragem de escreverem esta obra e pelo tempo que lhe dedicaram, expondo de forma sustentada as suas ideias.

Parabéns a todos!

DROPOUT NO FUTEBOL: AS EVIDÊNCIAS – COMPREENDER PARA GERIR

Por Alfredo Silva e Pedro Sobreiro
Professores-adjuntos na Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ESDRM),
do Instituto Politécnico de Santarém (IP Santarém), no curso de licenciatura
em Gestão das Organizações Desportivas.
Membros do Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV).

INTRODUÇÃO

No desporto e no futebol, o profissionalismo e os grandes sucessos mediáticos são apenas a ponta do icebergue que esconde a gigantesca massa dos praticantes desportivos e dos jogadores altamente empenhados e apaixonados. Cabe-nos não deixar esmorecer esse empenho e essa paixão.

Os clubes desportivos, em muitos países europeus, são o local mais comum para a participação desportiva dos jovens (Breuer *et al.*, 2015). Cerca de 74% de todas as crianças holandesas dos seis aos 11 anos e 58% dos adolescentes dos 12 aos 20 praticam desporto num clube desportivo pelo menos uma vez por semana (Deelen *et al.*, 2018). Em Portugal, até à idade de juniores, admitia-se em 2018 que estavam filiados em federações desportivas 32,4% dos jovens dos seis aos 19 anos[1] (INE, 2021; IPDJ, 2021).

A participação desportiva organizada é aceite como uma parte essencial para o desenvolvimento infantil e juvenil. Proporciona aos jovens a oportunidade de

[1] Obtido a partir dos praticantes filiados nas federações desportivas em 2018, bem como da população residente em Portugal continental entre os seis e os 19 anos de idade nesse ano.

praticar atividade física, o que, por sua vez, leva a uma série de efeitos positivos para a saúde (Warburton *et al.*, 2006). Os resultados mostram que a participação desportiva tem efeitos benéficos sobre fatores motores, mentais e sociais (*Gisladottir et al.*, 2013; *Lindwall et al.*, 2014). Além disso, mais atividade física na juventude aumenta a probabilidade de as pessoas virem a ser fisicamente ativas na idade adulta (Figueiredo *et al.*, 2009), mantendo por isso os efeitos benéficos da prática regular.

A continuidade e a descontinuidade da participação desportiva são centrais nas discussões sobre o desporto juvenil. A descontinuação da prática desportiva é comummente incluída no termo «abandono» (*dropout, attrition or withdrawal*) do desporto em geral (Figueiredo *et al.*, 2009).

As investigações nesta área sugerem que aproximadamente um terço dos participantes jovens de desporto organizado deixam a prática desportiva em cada ano (Burton *et al.*, 2011). Numa estimativa pessimista, numa dada organização desportiva pode admitir-se que, de todos os atletas que praticavam desporto há três anos, nenhum deles o faz atualmente. Este cenário é muito severo para a prática desportiva juvenil.

As consequências do abandono desportivo são preocupantes. Para além da perda dos benefícios do desenvolvimento individual dos atletas, existem expressivas repercussões: o abandono conduz a um menor número de equipas, a uma menor capacidade de recrutamento e de atração de novos jogadores, a menores oportunidades de jogo e treino nos clubes de formação e a menores oportunidades de competição, o que pode originar fraquezas na capacidade competitiva das equipas.

Mais do que identificar as consequências, o que é realmente importante para as organizações desportivas é atingir dois objetivos: primeiro, conhecer o nível de abandono existente; segundo, perceber a natureza dos motivos que levam os jovens a abandonar a prática desportiva organizada. Só conhecendo o nível de abandono e as razões que o provocam é possível sustentar uma estratégia racional que vise o superior objetivo de o reduzir.

Os objetivos do trabalho são analisar o número de jogadores da Associação de Futebol de Leiria, determinar a taxa de abandono numa série de nove épocas desportivas, apurar a probabilidade de sobrevivência e o risco de abandono. Pretende-se ainda: mostrar os motivos que conduzem ao abandono desportivo e as perspetivas teóricas que os suportam; apresentar o modelo multinível do comportamento de abandono do futebol pelos jovens; apresentar o modelo dos cinco passos para reduzir a taxa de abandono desportivo; e, por último, formular um conjunto de recomendações para atingir o objetivo de o conseguir.

O livro está divido em sete partes: depois da introdução, destinada a enquadrar o tema, sucede-se a revisão da literatura, na qual são tratados os motivos do

abandono desportivo e as teorias que os suportam. Com o objetivo de melhorar a compreensão deste problema, apresenta-se o modelo multinível do comportamento de abandono do futebol pelos jovens. Na problemática das taxas de abandono desportivo, exibem-se resultados provenientes de várias investigações no contexto do futebol. No capítulo da metodologia, descreve-se a recolha dos dados, a amostra, as medidas e a análise estatística. Na apresentação dos resultados, evidencia-se o número de jogadores inscritos, a taxa de abandono desportivo, a dimensão futura da atividade e a probabilidade de sobrevivência dos praticantes na Associação de Futebol de Leira. Na discussão dos resultados e recomendações, contrasta-se as causas e as consequências relativas ao número de jogadores inscritos, à taxa de abandono desportivo, à dimensão futura da atividade e à probabilidade de sobrevivência dos praticantes no futebol. Formulam-se recomendações para vários destinatários, níveis e dimensões com o objetivo de reduzir o abandono desportivo. Na parte final, apresentam-se conclusões e as referências bibliográficas.

REVISÃO DA LITERATURA

Motivos do abandono desportivo

No contexto do desporto, o termo abandono, *dropout*, é conceptualizado como um afastamento precoce da prática desportiva regular ou da competição relacionada com uma dada modalidade desportiva, quando esta foi realizada por um período mínimo de um ano (Schlesinger *et al.*, 2018). A partir de agora, iremos utilizar o termo abandono (*dropout*) enquanto sinónimo de retirada/descontinuidade da participação desportiva organizada. Serão utilizados como sinónimos os termos jogador, atleta e praticante desportivo.

O abandono desportivo corresponde ao oposto da lealdade, que remete para o compromisso profundamente firmado através de uma ligação psicológica estável cuja intensidade gera um engajamento persistente com uma atividade desportiva (Funk & James, 2001).

Este tem sido um tema muito popular na área da psicologia do desporto, porque o abandono é realmente uma medida direta da motivação do atleta (Weiss & Amorose, 2008) que se expressa por um comportamento de persistência numa atividade desportiva que se mantém ao longo do tempo.

Estudos recentes têm analisado o fenómeno do abandono desportivo a partir de diferentes áreas científicas — especialmente da psicologia, da pedagogia, da socioecologia e da sociologia (Schlesinger *et al.*, 2018). Desta maneira, fica claro que os motivos que conduzem ao abandono desportivo têm sido identificados,

categorizados e interpretados de forma diferente consoante a área científica pela qual ele é estudado.

Na área da psicologia aplicada ao desporto, as investigações têm estudado o abandono desportivo a partir de várias perspetivas teóricas.[2] Talvez a teoria mais popular tenha sido a *Achievement Goal Theory*, que defende a existência de uma relação entre as perceções mais baixas de competência e o abandono desportivo (Burton *et al.*, 2011). Por exemplo, quanto mais reduzida for a perceção de competência técnica/tática do jogador, maior será a probabilidade de ocorrência do abandono.

Os determinantes psicológicos do abandono desportivo incluem também a falta de motivação (intrínseca ou de alto nível de autodeterminação) e a falta de autonomia e de relacionamento social, tudo conceitos derivados da *Self Determination Theory* (Deelen *et al.*, 2018), conforme os níveis meso e micro da «Figura 1». Por exemplo, os jovens jogadores de futebol sub-11 relataram que abandonaram a prática organizada devido à ênfase excessiva dada à execução técnica e à falta de autonomia e motivação experienciada pelos jogadores durante os treinos (Barquero-Ruiz, *et al.*, 2021).

As abordagens ambientais — socioecológicas — defendem que a melhoria do clima motivacional pode reduzir o abandono desportivo. Alterar o ambiente para corresponder melhor às necessidades dos atletas leva a que estes demonstrem uma maior lealdade (Burton *et al.*, 2011), conforme o nível meso da «Figura 1». O clima motivacional refere-se às perceções dos jovens sobre as normas e expectativas do ambiente — p. ex., pais/pares/treinador (Cumming *et al.*, 2007; Temple & Crane, 2016). Por exemplo, Barnett *et al.* (1992) mostraram que a implementação de uma estratégia de clima motivacional para melhorar os padrões de comunicação dos treinadores levou a uma redução do abandono desportivo. Outra investigação evidenciou que, entre jovens praticantes em clubes de futebol e de ténis com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos, 1) a distância de viagem até ao clube desportivo e 2) o tipo de localidade — extremamente urbanizada, mediamente urbanizada e rural — pouco contribuíram para a predição do abandono, ao contrário do que se verificou com 3) os fatores associados ao uso do tempo, tais como as horas por semana dedicadas a outros desportos, a outros *hobbies* regulares, ao estudo na escola e em casa, ao trabalho em *part-time* e a atividades sociais (Deelen *et al.*, 2018). Foi ainda evidenciado que os determinantes sociodemográficos, como o sexo (raparigas), a idade e o baixo nível

[2] *Achievement Goal Theory* — teoria dos objetivos de realização; *Self-Determination Theory* — teoria do comportamento autodeterminado; *Expectancy-value Theory* — teoria do valor da expectativa; *Sport Commitment Theory* — teoria do compromisso desportivo (Deelen *et al.*, 2018).

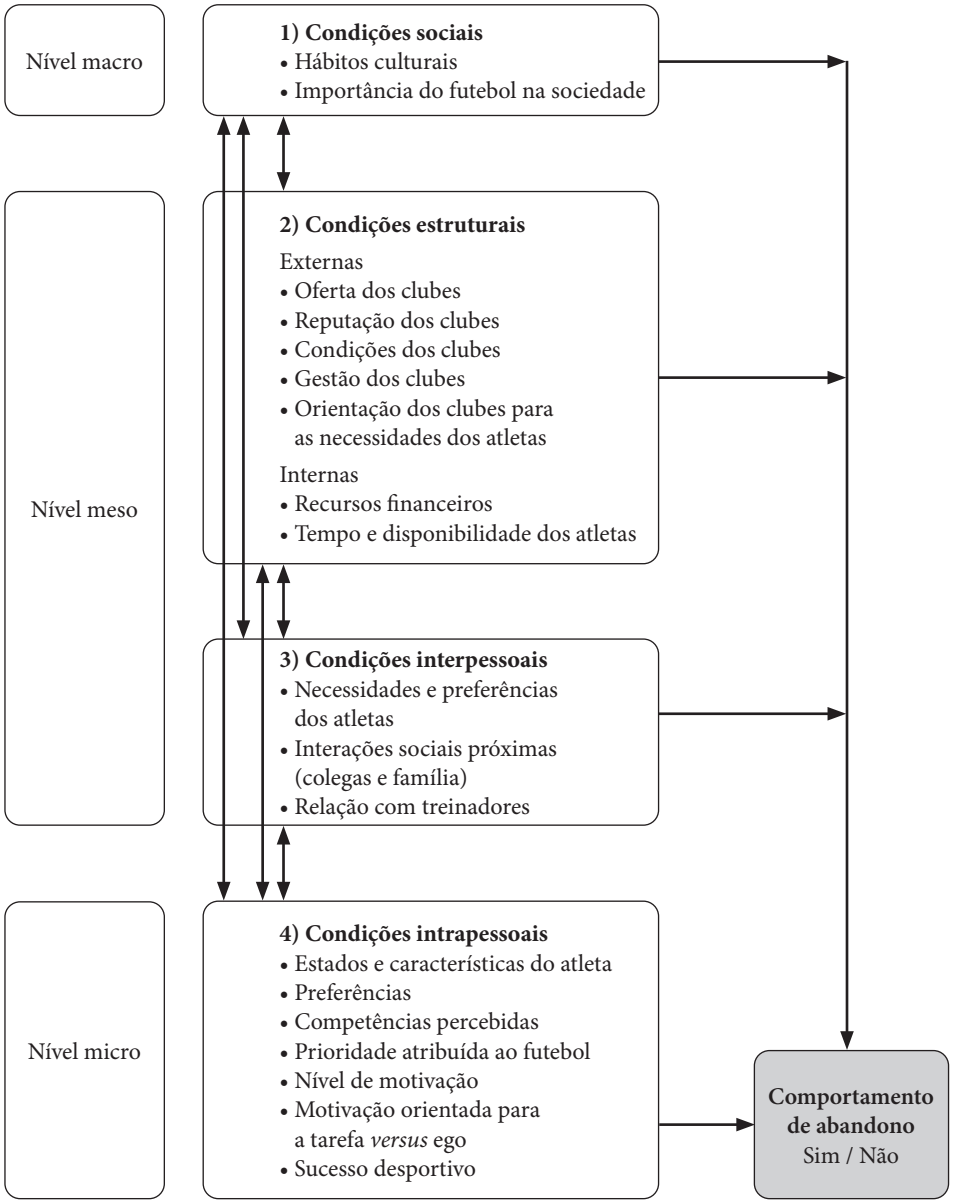
socioeconómico da família, podem estar associados ao abandono desportivo (Deelen *et al.*, 2018). Por sua vez, o abandono foi mais comum entre os atletas que tinham uma especialização precoce (Rugg *et al.*, 2021) e, no futebol, a proporção de crianças e adolescentes que desistiram do desporto de uma temporada para a outra, entre aqueles que viajaram muito para competir, chegou a 60% (Temple & Crane, 2016).

A categoria dos determinantes intrapessoais tem sido estudada extensivamente, conforme o nível micro da «Figura 1». Vários estudos mostraram o quão importantes são os fatores biológicos, que incluem a maturação física e as lesões (Deelen *et al.*, 2018). Por exemplo, através de uma investigação sobre atletas adolescentes de escolas de desporto de elite na Alemanha verificou-se que 29,6% deles abandonaram a sua carreira desportiva. A maioria dos desistentes praticavam desportos individuais e eram do sexo feminino. As razões mais referidas para o abandono foram queixas físicas, motivação para ganhar e auto-otimização (Baron-Thiene & Alfermann, 2015). Os cinco motivos mais importantes (aqueles que, na opinião dos atletas, mais contribuíram para o abandono) foram: 1) ter outras coisas para fazer — outras prioridades; 2) era aborrecido; 3) não gostava do(s) treinador(es); 4) não era divertido o suficiente; 5) não era tão bom/boa como gostaria de ser (Monteiro *et al.*, 2016). Para além destes, têm sido identificados outros motivos frequentemente citados, como a competência, aceitação/aprovação social e o prazer — *enjoyment* (Burton *et al.*, 2011).

Em sentido contrário, as principais razões que os jovens declararam para manter a participação desportiva estão associadas à qualidade de seu envolvimento na atividade, ou seja, ao prazer e ao interesse pelo desporto (Castillo, Balaguer, & Duda, 2000). Por outro lado, a falta de prazer é um importante determinante do abandono; o desejo de diversão tem sido positivamente associado a uma maior frequência de participação desportiva; e, da mesma forma, há evidências de que os atletas que mais gostam de desporto são os que relataram ser mais intrinsecamente motivados (Salguero *et al.*, 2003).

Para obtermos uma visão racional e interdisciplinar do fenómeno do abandono desportivo, adotámos a estrutura multinível proposta por Schlesinger *et al.* (2018). Este modelo oferece a possibilidade de se considerar múltiplos níveis e perspetivas de fatores influenciadores do abandono desportivo dos jovens do futebol: 1) os fatores associados às condições sociais gerais; 2) as condições estruturais externas (associadas ao clube) e internas (não associadas ao clube); 3) as condições interpessoais; e 4) os fatores pessoais (por exemplo, motivos, preferências e competências). O modelo considera ainda três níveis hierárquicos de análise (macro, meso e micro), que se afetam reciprocamente (Schlesinger *et al.*, 2018), conforme a «Figura 1».

Figura 1 — Modelo multinível do comportamento de abandono do futebol pelos jovens.



Nota: adaptado de Schlesinger *et al.*, 2018.

Taxa de abandono desportivo

Se não conseguir medir, não vai ser capaz de gerir (Drucker, 1992). Esta declaração é o suporte para a presente secção do trabalho. Para gerir o abandono na organização desportiva, seja ela local (um clube desportivo), distrital (uma associação distrital/regional), nacional (uma federação) ou até internacional (federação europeia/internacional), existe a necessidade de medir o nível de abandono. É indispensável determinar a taxa de abandono desportivo.

Ao se analisar o abandono desportivo no desporto organizado em 15 diferentes modalidades nos Estados Unidos, observou-se uma taxa média de abandono de 32% (Sabo & Veliz, 2016). No Canadá e na Austrália, entre crianças e jovens dos cinco aos 15 anos, verificou-se uma taxa de abandono de pelo menos uma modalidade desportiva organizada entre 30 e 35% (Deelen *et al.*, 2018).

Globalmente, as evidências sugerem que aproximadamente 35% das crianças e adolescentes abandonam o desporto anualmente (Sabo & Veliz, 2016) e que a proporção aumenta do meio para o final da infância (Temple & Crane, 2016).

Apesar do entusiasmo pelo futebol ser impressionante, observemos o que sucedeu na Alemanha. Em 2016, a Federação Alemã de Futebol registou 6,96 milhões de atletas inscritos, tendo evidenciado um crescimento a este nível. Uma análise detalhada dos dados estatísticos mostrou que esse crescimento não foi uniforme em todos os escalões etários. Observou-se uma estagnação ou mesmo uma diminuição do número de atletas entre os 15 e os 18 anos e, correspondentemente, uma redução de equipas participantes nos quadros competitivos. Ou seja, entre 2010 e 2015, a realidade mostrou uma redução de 22 556 atletas rapazes entre os 15 e os 18 anos e de 2717 equipas, o que corresponde a -15% (Schlesinger *et al.*, 2018). Foi este o quadro do futebol jovem alemão naquele período de cinco anos.

Estes padrões são consistentes com as taxas de participação no futebol entre crianças e adolescentes nos Estados Unidos. Aqui, quase 21% das crianças de seis anos jogam futebol, em comparação com os 14% referentes às de 12 anos e com os aproximadamente 9% que se registam relativamente às de 17 anos (Delgado & Schwartz, 2013). Portugal, em 2019, segundo a Associação de Futebol de Leiria (2021), evidenciou uma taxa global de abandono desportivo de 21%. Ou seja, em cada ano, um em cada cinco jovens abandona a prática do futebol.

Uma comparação internacional das taxas de abandono no futebol juvenil (Møllerløkken *et al.*, 2015) revelou um abandono médio de 23,9% na prática organizada de futebol entre os jovens dos dez aos 19 anos, ilustrando um problema fundamental nos clubes de vários países europeus. As taxas de abandono foram maiores para as raparigas (26,8%) do que para os rapazes (21,4%). Por sua

vez, em Espanha e Portugal, as taxas encontradas foram de 36,2% (Calvo *et al.*, 2010) e 22,6% (Figueiredo *et al.*, 2009), respetivamente. Já entre atletas de escolas de futebol da cidade de Nápoles, a taxa de abandono encontrada foi de 18,5% (Montesano *et al.*, 2016). No caso da federação desportiva holandesa, os dados mostraram que 31% das raparigas e 26% dos rapazes dos 13 aos 21 anos abandonaram o futebol durante a temporada 2015/2016, sendo que a taxa total de abandono foi de 27% (Deelen *et al.*, 2018). Na «Tabela 1», abaixo, foram sintetizados os resultados de investigações realizadas no âmbito do futebol.

Tabela 1 — Taxa de abandono em estudos sobre abandono desportivo no futebol.

Estudo	Género	Idade do abandono (a)	País	Amostra (N)	Taxa de abandono (b) (%)
Nache *et al.* (2005)	M	14	França	354	8,8
Keathley *et al.* (2005) (c)	M	14	EUA	126	11,8
	F	14	EUA	91	13,2
Figueiredo *et al.* (2009) (d)	F e M	12-14	Portugal	99	22,6
Ullrich-French & Smith (2009)	M	12	EUA	72	25,0
	F	12	EUA	76	19,8
Calvo *et al.* (2010)	M	15	Espanha	492	36,2
Delorme *et al.* (2010a)	M	11	França	213 484	17,0
	M	13	França	167 738	20,5
	M	15	França	144 249	21,8
	M	18	França	166 920	25,5
Delorme *et al.* (2010b)	F	10	França	7520	22,4
	F	12	França	7774	27,8
	F	14	França	5616	30,0
	F	17	França	8784	27,4
Montesano *et al.* (2016)	M	14-16	Itália	150	18,5
Deelen *et al.* (2018)	F e M	13-21	Países Baixos	1014	34,1
	F e M	13-16	Países Baixos	622	17,5
	F e M	17-21	Países Baixos	391	62,4
	F	13-21	Países Baixos	200	43,1

Nota: estudos realizados a partir do ano 2000; M — masculino, F — feminino; (a) média da idade do abandono, em anos; (b) valor anual; Período (em anos) = um ano; exceto (c) = cinco anos e (d) = dois anos.

METODOLOGIA

Recolha dos dados e amostra

Para o objetivo de analisar o número de praticantes da Associação de Futebol de Leira, indicar a taxa de abandono numa série de nove épocas desportivas e determinar a probabilidade de sobrevivência dos mesmos, os dados foram recolhidos a partir do registo das inscrições efetuadas nas temporadas de 2010/2011 a 2017/2018. A partir dessa base de dados, foram identificados os jogadores que mantiveram a inscrição e aqueles que não o fizeram na época seguinte. Esses atletas foram designados, respetivamente, como «persistentes» e «desistentes». Foram tratados 105 870 registos, correspondentes às variáveis «Licença desportiva», «Época», «Clube», «Modalidade», «Género», «Escalão», «Divisão» e «Concelho», tendo sido obtido um n = 31 800 — destes, 92% são do sexo masculino e 8% do sexo feminino, conforme a «Tabela 2».

Tabela 2 — Estatísticas descritivas.

Variável	Descrição	Escala	N
Clube	Clube em que o atleta se encontra inscrito	Nominal	
Modalidade	Variante em que o atleta se encontra inscrito	Nominal	Futebol de 11 (22 529), futebol de praia (159), futsal (9112)
Género	Masculino / Feminino	Nominal	Masculino (29 257); feminino (2543)
Escalão	Escalão em que o atleta se encontra inscrito	Nominal	Sénior (17 392); júnior (3171); juvenil (3088); iniciado (2593); infantil (2290); benjamim (1966); traquina (1091); petiz (209)
Divisão	Divisão em que o atleta foi inscrito	Nominal	1.ª Liga (41); Elite (45); Promoção (70); Nacional (1462); 1.ª Divisão (124); 2.ª Divisão (555); 3.ª Divisão (129); Distrital (29 374)
Concelho	Concelho onde o atleta reside	Nominal	Alcobaça (3124); Alvaiázere (419); Ansião (1073); Batalha (1356); Bombarral (622); Caldas da Rainha (3063); Castanheira de Pera (225); Figueiró dos Vinhos (207); Leiria (7811); Marinha Grande (2421); Nazaré (1282); Óbidos (887); Pedrógão Grande (355); Peniche (1644); Pombal (5262); Porto de Mós (2049)

Nota: anos em que o atleta esteve inscrito na modalidade (M = 3,6; DP = 2,83); A designação dos escalões «sénior; júnior; juvenil; iniciado; infantil; benjamim; traquina; petiz» corresponde a «sénior; júnior A; júnior B; júnior C; júnior D; júnior E; júnior F; júnior G».

Medidas

O abandono foi expresso quando o indivíduo não renovou a inscrição no ano ou época desportiva analisada (Calvo *et al.*, 2010). Para o cálculo da taxa de abandono em cada ano (ano n), utilizou-se a fórmula que corresponde ao número de indivíduos que abandonaram (não renovaram a inscrição no ano n+1) / número total de indivíduos inscritos no ano n. Para o cálculo da taxa de abandono média no período, utilizou-se a média aritmética.

Análise estatística

Foi realizada uma análise estatística descritiva dos dados incluindo a média e o desvio-padrão. Os dados brutos permitiram o cálculo da taxa de abandono. O processamento dos dados foi realizado em Python (Continuum Analytics, 2016) através do Pandas (McKinney, 2010), onde se procedeu ao tratamento dos correspondentes aos registos existentes em cada ano acerca de cada atleta no futebol de 11, no futebol de praia e no futsal. Foi utilizado o algoritmo identificado na «Figura 2». O estimador Kaplan-Meier foi utilizado para recolher informações sobre o evento de abandono e para estimar a sobrevivência (Efron, 1988), com base nas probabilidades de esta se verificar e no tempo em que os eventos foram observados (Bland & Altman, 1998).

Figura 2 — Algoritmo utilizado para o processamento dos dados para calcular o tempo de inscrição.

```
for tipo in tipos_modalidades:
   df = df_analise[df_analise.tipo==tipo]
   for index,atleta in df.iterrows():
     df.at[index,'data_inscricao'] = df['data'].loc[(df.numero_atleta == atleta.numero_atleta)].min()
     df.at[index,'data_ultima'] = df['data'].loc[(df.numero_atleta == atleta.numero_atleta)].max()
     df.at[index,'anos'] = df['data_ultima'].loc[(df.numero_atleta == tleta.numero_atleta)].values[0]
                        - df['data_inscricao'].loc[(df.numero_atleta == atleta.numero_atleta)].values[0]+1
```

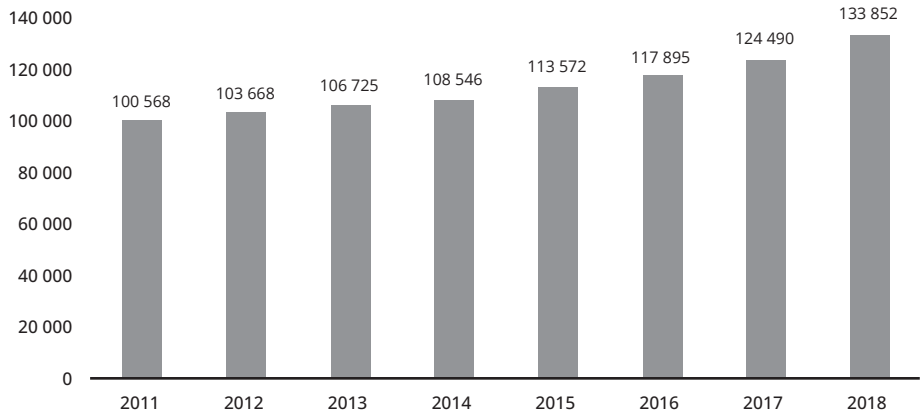
Nota: o ano de inscrição foi obtido a partir do primeiro registo do atleta; o último ano, a partir da última ocorrência; e o tempo de inscrição a partir da diferença entre a inscrição e o último ano + 1 (e. g., inscrição 2010 e último ano 2010 corresponde a um ano de inscrição). O processamento foi realizado para todas as modalidades.

RESULTADOS

Número de jogadores

O número de inscrições na Federação Portuguesa de Futebol até juniores B em sete anos (2011-2018) indicou um aumento de 33 284 praticantes (cerca de 4755 por ano), o que representa um crescimento anual de 4,8%, conforme a «Figura 3» e a «Tabela 3».

Figura 3 — Número total de praticantes desportivos filiados na FPF até juniores B (juvenis).

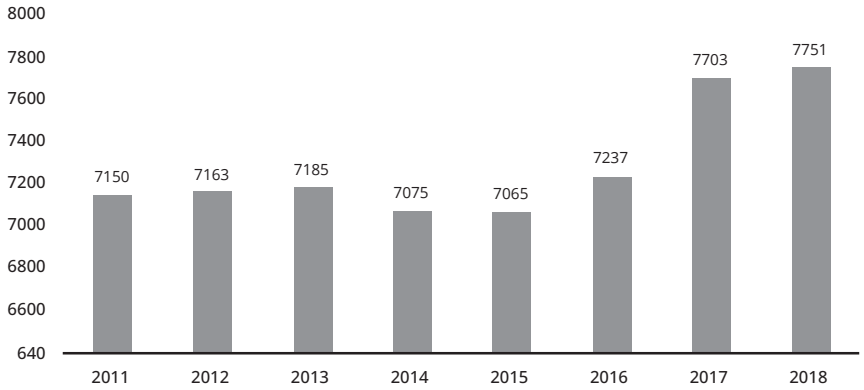


Fonte: IPDJ (2021).

Nota: 2011 corresponde à época desportiva 2010-2011 e assim sucessivamente.

Os praticantes desportivos inscritos na Associação de Futebol de Leiria até juniores B em 2018 eram 7751. Em sete anos (2011-2018), foi registado um aumento de 601 praticantes (cerca de 86 por ano), o que representou um crescimento anual de 1,2%, conforme a «Figura 4» e a «Tabela 3». O maior nível de crescimento foi obtido entre 2016 e 2017, com uma variação de 6,4%.

Figura 4 — Número total de praticantes desportivos filiados na Associação de Futebol de Leiria até juniores B (juvenis).

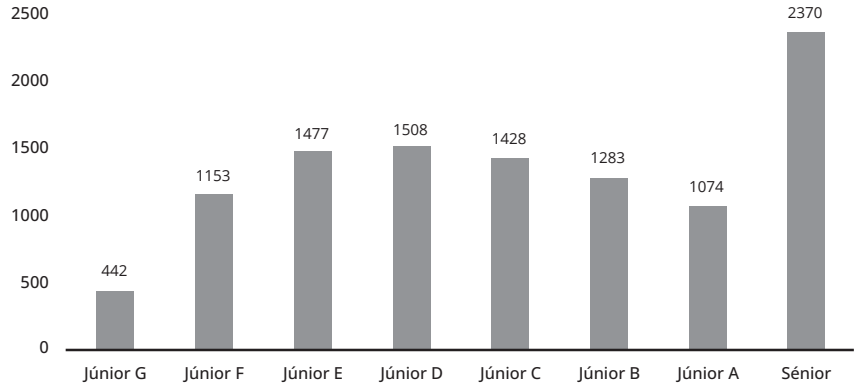


Fonte: Associação de Futebol de Leiria (2021).

Nota: 2011 corresponde à época desportiva 2010-2011 e assim sucessivamente.

Na Associação de Futebol de Leiria, por escalão etário no período em análise (2011-2018), verifica-se um padrão de crescimento do número de jogadores até júnior D. A partir deste escalão etário até ao de juniores A, observa-se uma redução do número de praticantes. Em média, o escalão de formação que maior número de jogadores apresenta é o de juniores D. Em termos globais, o número de praticantes do escalão sénior é o mais elevado de todos, conforme se pode verificar na «Figura 5».

Figura 5 — Número médio de praticantes desportivos (2011-2018) filiados na Associação de Futebol de Leiria por escalão etário.



Fonte: Associação de Futebol de Leiria (2021).

Nota: 2011 corresponde á época desportiva 2010-2011 e assim sucessivamente.

A variação do número médio de jogadores (2011-2018) filiados na Associação de Futebol de Leiria é positiva do escalão etário júnior G para o júnior F (161%) e do júnior A para o sénior (220%). A redução mais relevante observa-se entre o escalão júnior C e o júnior B (-10,2%) e entre o júnior B e o júnior A (-16,3%), conforme a «Tabela 3».

Tabela 3 — Variação do número médio de praticantes desportivos (2011-2018) filiados na Associação de Futebol de Leiria por escalão etário.

Escalão etário	Júnior G / Júnior F	Júnior F / Júnior E	Júnior E / Júnior D	Júnior D / Júnior C	Júnior C / Júnior B	Júnior B / Júnior A	Júnior A / Sénior
Variação (%)	161,0	28,1	2,1	-5,3	-10,2	-16,3	220,0

Fonte: Associação de Futebol de Leiria (2021).

A quota dos praticantes de futebol detida pela Associação de Futebol de Leiria correspondia, em 2011, a 7,1% do valor total nacional. Verificou-se uma redução do peso desta associação nos praticantes nacionais, de tal modo que essa quota em 2018 foi de 5,8%, de acordo com a «Tabela 4».

Tabela 4 — Praticantes desportivos de futebol até juniores B, em Portugal e Leiria.

Território	2011	2018	Variação 2011-2018	Quota 2011	Quota 2018
Portugal	100 568	133 852	4,8%	100%	100%
Leiria	7150	7751	1,2%	7,1%	5,8%

Fonte: Associação de Futebol de Leiria, 2021; IPDJ, 2021.

Taxa de abandono desportivo

Em 2019, a taxa de abandono do futebol em Portugal, segundo a Associação de Futebol de Leiria (2021) foi de 21%. Na área de atuação desta associação, a taxa de abandono total durante os nove anos de análise foi de 20,2%. Evidenciou os valores superiores nos anos de 2019 e 2011 (24,0% e 23,3%) e os inferiores em 2015 e 2016 (17,9% e 18,2%). O futebol de praia (23,3%) e o futsal (23,2%) manifestaram taxas de abandono ligeiramente superiores ao futebol de 11 (19,1%), conforme a «Tabela 5».

Tabela 5 — Taxa de abandono do futebol na Associação de Futebol de Leiria (%).

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Média
Futebol de 11	21,3	20,4	18,1	17,0	17,3	17,1	19,3	18,9	22,6	19,1
Futebol de praia	na	na	na	10,3	10,8	17,1	16,9	28,8	55,8	23,3
Futsal	29,0	23,4	19,7	22,9	19,5	21,3	22,7	23,7	26,9	23,2
Total	23,3	21,1	18,5	18,5	17,9	18,2	20,2	20,2	24,0	20,2

Nota: 2011 corresponde à época desportiva 2010-2011 e assim sucessivamente.

Dimensão futura da atividade

A dimensão futura da atividade da Associação de Futebol de Leiria nos nove anos em análise mostrou um valor de 1008, que corresponde a uma cobertura de novos jogadores sobre jogadores que abandonaram de menos de 1%; ou seja, por cada 100 jogadores que abandonaram, foram inscritos 101 novos.

Probabilidade de sobrevivência

Globalmente, a probabilidade de sobrevivência de um jogador na prática de futebol após um ano é de 72,82%, o que representa, portanto, um risco de abandono de 27,18%, sendo o tempo estimado de sobrevivência de cinco anos. Após o segundo ano de prática, observa-se uma probabilidade de sobrevivência de 60,42%, logo, com um risco de abandono de 39,58%, estimando-se cinco anos de continuação da prática. Por sua vez, no final do quinto ano de prática, um jogador apresenta uma probabilidade de sobrevivência de 38,61% e, portanto, um risco de abandono de 61,39%. O maior nível de risco de abandono ocorre do final do ano 1 para o final do ano 2, com uma variação percentual de 12,4%, conforme a «Tabela 6». A probabilidade de sobrevivência para dez anos de prática de futebol é mostrada também nesta tabela (coluna p_i — probabilidade de sobrevivência).

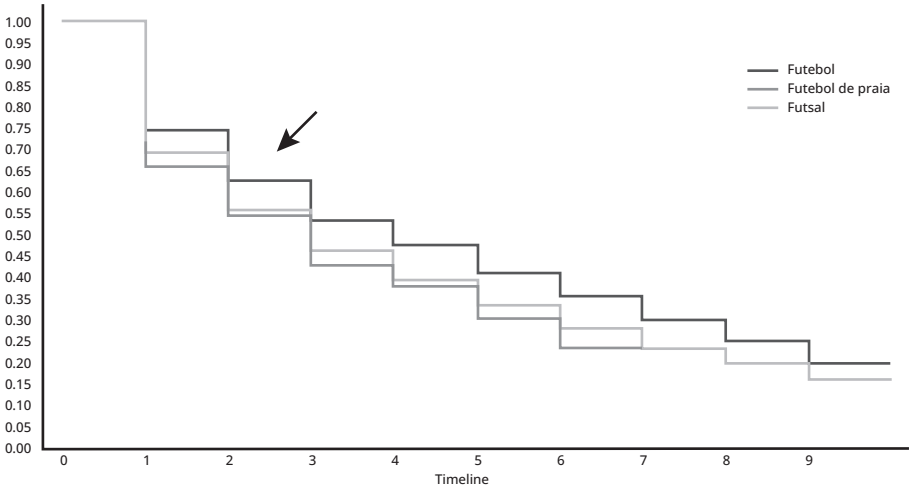
Tabela 6 — Probabilidade de sobrevivência em dez anos.

Anos de prática	Removido	Abandono	Censurado	Risco de abandono	p_i	Sobrevivência estimada (anos)
0	0	0	0	31 800	1,000000	4
1	10 574	8641	1933	31 800	0,728270	5
2	5085	3614	1471	21 226	0,604273	5
3	3445	2316	1129	16 141	0,517569	5
4	2782	1720	1062	12 696	0,447451	5
5	2204	1358	846	9914	0,386160	4
6	1744	1057	687	7710	0,333219	ND
7	1571	927	644	5966	0,281443	ND
8	1350	752	598	4395	0,233288	ND
9	1190	624	566	3045	0,185481	ND
10	1855	0	1,855	1855	0,185481	ND

Nota: Removido — total de atletas com abandono e que foram censurados; Censurado — significa que o evento de abandono não ocorreu durante o período de tempo em que os dados foram recolhidos; Risco de abandono — número de atletas em risco de abandono; p_i — probabilidade de sobrevivência; Sobrevivência estimada — número de anos que é estimado sobreviver-se na prática desportiva; ND — valor que não foi possível determinar. Inclui todas as modalidades (futebol de 11, futebol de praia, futsal).

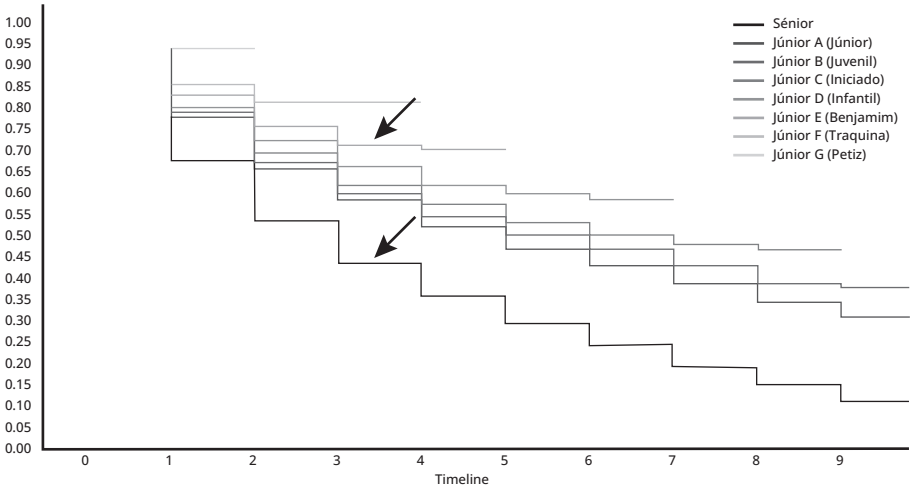
A análise mostra que a probabilidade de sobrevivência no futebol de 11 após dois anos de inscrição é de aproximadamente 65%. Ou seja, a probabilidade que um jogador tem de abandonar após dois anos é de 35%. No futebol de praia e no futsal, a probabilidade de sobrevivência é inferior, apresentando um valor de 55%, conforme a «Figura 6».

Figura 6 — Probabilidade de sobrevivência por tipo de modalidade, por ano.



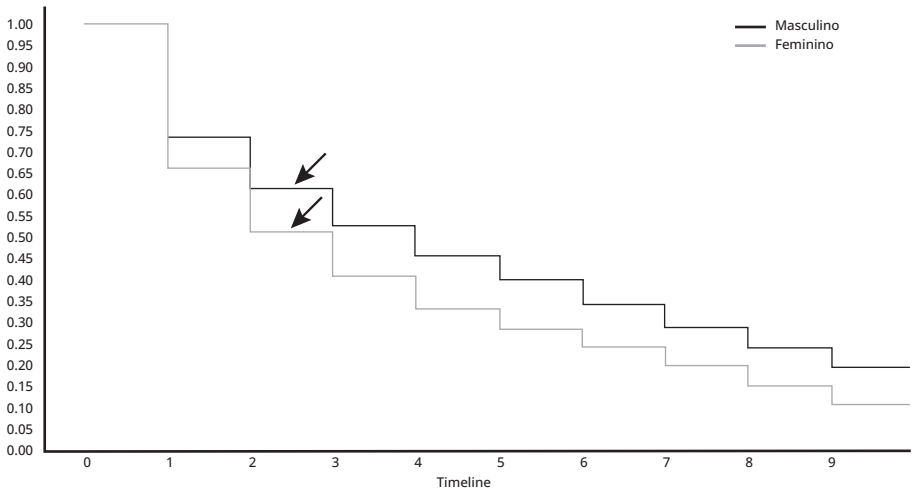
Os escalões etários mais jovens denotam maiores taxas de sobrevivência. A probabilidade de sobrevivência no escalão sénior apresenta o valor mais baixo, com aproximadamente 55% no final do 2.º ano de inscrição, enquanto os escalões jovens evidenciam valores superiores a 65%, sendo o mais elevado o de juniores F, com cerca de 80%, conforme ilustrado na «Figura 7».

Figura 7 — Probabilidade de sobrevivência por escalão, por ano.



As raparigas apresentam uma probabilidade de sobrevivência no futebol inferior à dos rapazes. No final do primeiro e do segundo ano, a probabilidade de ficarem retidas no futebol é de 65% e 50%, respetivamente, valores inferiores aos verificados nos rapazes/homens (aproximadamente 75% e 60%), conforme a «Figura 8».

Figura 8 — Probabilidade de sobrevivência por sexo, por ano.



DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES

Número de jogadores

A taxa de crescimento anual de jogadores na Associação de Futebol de Leiria até ao escalão etário de juniores B no período estudado foi de 1,2%, enquanto a taxa nacional se situou nos 4,8%. As causas parecem centrar-se na reduzida capacidade de atrair novos jogadores. As consequências parecem evidentes: com o decorrer do tempo, se a trajetória não for invertida, a Associação de Futebol de Leiria perderá um peso relativo nos jogadores nacionais — redução relativa do número de jogadores, redução relativa do número de equipas, potencial redução do número de clubes filiados e potencial redução na competitividade das equipas distritais. As recomendações vão no sentido da implementação de uma renovada estratégia de atração de novos praticantes desportivos, mediante a atribuição de um conjunto de estímulos e benefícios orientados para eles, para as equipas e para os clubes desportivos.

A partir do escalão etário júnior D, foram observados os maiores níveis de redução do número de jogadores inscritos: júnior C (-5,3%), júnior B (-10,2%) e júnior A (-16,3%). As causas para este fenómeno são várias e de diversas naturezas. As consequências desta situação parecem incluir: uma redução relativa do número de jogadores, uma redução relativa do número de equipas e uma potencial redução na competitividade das equipas distritais, incluindo as do escalão sénior. As recomendações vão no sentido de se estudar e analisar os motivos para o abandono nestas idades específicas. Num segundo momento, deve ser concebida e implementada uma renovada estratégia de retenção destes praticantes desportivos.

A quota nacional dos praticantes de futebol detida pela Associação de Futebol de Leiria tem vindo a deteriorar-se, passando de 7,1% em 2011 para 5,8% em 2018. Esta redução é explicada pela taxa de crescimento dos praticantes filiados, que é inferior à taxa de crescimento nacional. As consequências desta realidade são uma perda progressiva do peso e da importância da Associação de Futebol de Leiria face às outras associações distritais. Para recuperar esta perda, as recomendações devem incluir a implementação de uma renovada estratégia de atração de novos praticantes desportivos e, em simultâneo, a implementação de uma estratégia de retenção dos atuais.

Taxa de abandono desportivo

A taxa de abandono do futebol na Associação de Futebol de Leiria no período em análise foi de 20,2%. Ou seja, em cada ano, um quinto dos praticantes filiados abandonam o futebol. No limite, pode afirmar-se que, a cada cinco anos, os praticantes são totalmente renovados.

O futebol de praia (23,3%) e o futsal (23,2%) manifestaram taxas de abandono ligeiramente superiores ao futebol de 11 (19,1%). Potenciais explicações para estes resultados podem estar associadas ao recente desenvolvimento e sazonalidade da prática do futebol de praia. No que respeita ao futsal, o seu rápido crescimento também poderá originar taxas de abandono superiores: alguns jovens podem inscrever-se para experimentar, mas a probabilidade de esta modalidade não lhes proporcionar uma experiência suficientemente gratificante poderá conduzi-los ao abandono.

Uma análise comparativa nacional evidencia que estes valores estão mais elevados, uma vez que a taxa de abandono do futebol em Portugal em 2019 foi de 21% e, no caso da Associação de Futebol de Leiria, no mesmo ano, de 24,0%, enquanto no período em análise se situou nos 20,2%. Valores similares, de 22,6%, já tinham sido encontrados em Portugal por Figueiredo *et al.* (2009) nas idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos.

Uma análise comparativa internacional revela, em seis estudos, valores inferiores de abandono aos verificados na Associação de Futebol de Leiria e, por isso, mais favoráveis: Nache *et al.* (2005) e Keathley *et al.* (2005) em rapazes de 14 anos (8,8% e 11,8%), Ullrich-French & Smith (2009) em raparigas de 12 anos (19,8%), Delorme *et al.* (2010a) em rapazes de 11 anos (17,0%), Montesano *et al.* (2016) em rapazes de 14-16 anos (18,5%) e, por fim, Deelen *et al.* (2018) na faixa etária de 13-16 anos (17,5%). Por outro lado, foram também encontrados quatro estudos na área do futebol que evidenciaram valores superiores de abandono e, por isso, mais desfavoráveis: Ullrich-French & Smith (2009) em rapazes de 12 anos (25,0%), Calvo *et al.* (2010) em rapazes de 15 anos (36,2%), Delorme *et al.* (2010a) em rapazes de 18 anos (25,5%) e em raparigas de 17 anos (27,4%) e Deelen *et al.* (2018) nas idades de 13-21 anos (34,1%), conforme a «Tabela 1».

Globalmente, as causas para este fenómeno do abandono desportivo, conforme descrito na revisão da literatura e exposto na «Figura 1», são várias, de diversas naturezas e níveis, nos termos do modelo multinível do comportamento de abandono do futebol pelos jovens (Schlesinger *et al.*, 2018). As consequências desta situação podem ser sérias para um futuro que se deseja mais próspero: redução relativa do número de jogadores, redução relativa do número de equipas e potencial redução na competitividade das equipas distritais, incluindo do escalão sénior. Do ponto de vista financeiro, a consequência é uma perda de receita. Em termos concretos, considerando os pressupostos[3], os efeitos são severos: menos 2334 jogadores por ano, perda de 130 equipas por ano, redução da receita anual da Associação de Futebol de Leiria de 81 690 € (6808 €/mês) e redução da receita anual dos clubes desportivos de 700 200 € (58 350 €/mês). As recomendações vão no sentido de estudar e analisar os motivos para o abandono e, num segundo momento, de se conceber e implementar uma renovada estratégia de retenção dos praticantes desportivos, conforme proposto na «Figura 9», relativa ao modelo dos cinco passos para reduzir a taxa de abandono desportivo.

Dimensão futura da atividade

A dimensão futura da atividade da Associação de Futebol de Leiria pode estar posta em causa. Nos anos em análise foi de 1008, o que corresponde a uma cobertura de novos jogadores sobre jogadores que abandonaram de menos de 1%. Isto

[3] 1) O número médio de abandonos por ano é de 2334; 2) 18 jogadores por equipa; 3) 35 € de inscrição por ano na Associação de Futebol de Leiria, e 4) 30 € de inscrição por mês, durante dez meses por ano, nos clubes desportivos.

significa que, por cada 100 jogadores que abandonaram a prática do futebol, foram inscritos 101 novos. As causas para este fenómeno são a fraca capacidade de atrair novos atletas e, no que respeita ao abandono de praticantes de futebol, conforme descrito na revisão da literatura e exposto na «Figura 1», as causas são variadas, de diversas naturezas e níveis, nos termos do modelo multinível do comportamento de abandono do futebol pelos jovens (Schlesinger *et al.*, 2018). As consequências são um risco elevado de a Associação de Futebol de Leiria entrar num ciclo recessivo de diminuição de praticantes de futebol. As recomendações vão no sentido de se estudar e analisar os motivos para o abandono, de se conceber e implementar uma estratégia de retenção de praticantes desportivos e uma renovada estratégia de atração de novos atletas.

Probabilidade de sobrevivência

Após o segundo ano de prática de futebol, observa-se uma probabilidade de sobrevivência de 60,42%, logo, um risco de abandono de 39,58%, sendo estimados cinco anos de continuação de prática. O maior nível de risco de abandono ocorre do final do ano 1 para o final do ano 2, com uma variação percentual de 12,4%. No final do quinto ano de prática, um jogador apresenta uma probabilidade de sobrevivência de 38,61% e, portanto, um risco de abandono de 61,39%.

A probabilidade que um jogador tem de abandonar a prática de futebol de 11 após dois anos é de 35%. Valores superiores foram observados para o futebol de praia e o futsal.

Os escalões etários que apresentam maiores taxas de sobrevivência são os mais jovens. Quanto maior é a idade, maior é a probabilidade de o abandono ocorrer.

As raparigas apresentam uma probabilidade de sobrevivência no futebol inferior à dos rapazes.

Face a estes resultados, globalmente, pode ser sugerida uma maior atenção sobre os praticantes à medida que os anos de prática aumentam, uma vez que o risco de abandono cresce com o tempo, sobretudo do ano 1 para o ano 2 (+12,4%). Por outro lado, importa observar o diagnóstico dos motivos que provocam o abandono, bem como as medidas de retenção de praticantes desportivos, sobretudo onde o problema atinge níveis mais preocupantes: para além do futebol de 11, verifica-se nas variantes de futebol de praia e futsal, nos escalões etários superiores, juniores B, juniores A e seniores, e, em particular, nos praticantes femininos.